

UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Queridos, peço licença aqui para relatar uma experiência pessoal que gostaria de compartilhar e de alguma forma colaborar com outras mulheres e homens.

Casei aos dezenove anos e fui morar em uma cidade do interior do estado do Pará. Poucos meses depois veio o nascimento de minha primeira filha, Andréa, que por sua vez, no dia 29 de setembro de 2008, trouxe à luz, Ravena em um nascimento natural na água.

Todo meu pré-natal foi feito em hospital particular (a empresa que meu marido trabalhava tinha convênio), nunca havia pensado se queria parto natural ou cirúrgico; para mim, o que fosse melhor no momento. Assim, no dia 17 de maio de 1982 fui pela manhã ao hospital e minha médica fez-me toque vaginal (o primeiro em nove meses) e me disse: “Se em uma semana o bebê não vier, volte à nova consulta”. Bom, naquela tarde comecei a sentir dores no baixo ventre e pensei que a médica havia me machucado ao realizar o toque, não tentei que eram contrações. Nessa noite não pude dormir, sentindo dores; de manhã, minha mãe me alertou que deveríamos voltar ao hospital; eu estava em trabalho de parto. E fomos. Passei todo o dia sentindo dores, tomei quatro injeções para induzir as contrações e no final do dia estas se escasseavam cada vez mais. Minha médica estava também gestante de quatro meses e passando muito mal; no final do dia ela me disse que por estar assim, não havia me acompanhado muito bem e me deixava então, nas mãos de outro médico, (ser cuidada por outro médico, provavelmente tenha salvado a minha vida e a de minha filha).

Depois de passar o dia fora, meu esposo chegou às 18:30h e mesmo podendo ficar, decidiu por razões que até hoje não compreendi, não ficar comigo. Fiquei então, só na companhia de minha mãe. Tal atitude para mim em trabalho de parto, certamente tenha me deixado um pouco triste. Bem, às 18h40 meu novo médico juntamente com um pediatra e enfermeira, levou-me para uma sala e então começaram a orientar-me sobre como agir. Lembrando que já se contavam 30 horas desde que começaram as primeiras contrações.

Eles comentaram entre si que eu não contava com dilatação necessária para parto natural e que deveria ter sido feita cesariana mais cedo e que naquele momento havia passado o instante de fazer cesariana, assim, teriam que ajudar forçando minha barriga quando vinham as escassas contrações; no hospital não havia ou não encontraram fórceps.

Como eu estava no estado do Pará, em um período muito quente, na sala não havia ar condicionado apenas um grande ventilador, porém, era noite e acabou a luz daquele bairro, o quarto ficou em completa escuridão e calor. Ninguém, depois de muito tempo, conseguiu ligar o motor gerador de energia do hospital, sendo necessária a saída do meu médico, para ligá-lo. Durante este período pensei que desmaiaria e disse isto ao médico pediatra que havia ficado comigo enquanto o outro buscava resolver o problema, o pediatra me abanando com sua mão me disse: - “Se você desmaiar, seu bebê morre. Busque ficar tranquila, respire devagar”. Mas minhas forças estavam no fim.

Assim que a luz foi reativada, de alguma maneira perderam o pacote de luvas, saíram médico e enfermeira novamente para procurá-las. Apesar do drama, lembrar disto agora chega a ser cômico.

Quando retornaram, buscaram ouvir o coração de minha filha e não puderam ouvir os batimentos. Percebi o olhar de preocupação dos dois e neste momento, quase desfalecida, pensei em orar e rezei; não me importava se havia sido difícil; eu queria minha filha viva. Alguns minutos depois desta prece, minha filhinha nasceu. Toda machucada, sua cabecinha

ferida, seus olhinhos com manchas roxas e eu tive meu ventre arroxeadado por vários dias, vasos rompidos em meus olhos. Depois de 35h de haver sentido a primeira contração, minha filha nasceu às 22h40 do dia 18 de maio de 1982. Após a sutura do corte vaginal, levantei sem maca (apesar do protesto do médico) e fui tomar um banho para voltar ao quarto onde minha filhinha me esperava.

Tais traumas de nascimento geraram na vida de Andréa, síndrome de pânico e suas conseqüências, que foram tratados em muitas sessões com Dra. Dagmar Ramos, médica homeopata, com sessões de Respiração com Raul Antezana e Rosário Muller; e aos três sou profundamente grata. Hoje, já recuperada, Andréa também se tornou além de Educadora, Terapeuta Holística, também na área de Renascimento e Respiração. Como diz Freud: - “Toda escolha é sintomática.”

Um ano e três meses depois, veio o nascimento de Adrienne, minha segunda filha. Como havia sido difícil o nascimento da primeira pensei, agora quero cirúrgico e assim, aqui em Goiânia, junto com meu médico, decidimos pela cesariana. Marcamos para 10 de setembro de 1983 às 11h da manhã. Esquecemos de perguntar a Adrienne se queria nascer neste dia, decidimos por ela. E às 11h eu estava na sala cirúrgica, meia hora depois no quarto sentindo dores horríveis até as 3h da manhã. Meu útero contraía (processo natural de retorno ao tamanho normal) e as dores não me deixaram dormir. Como havia feito ligadura, o que me consolava naquele momento, apesar de amar ser mãe, era saber que não teria mais filhos. Durante 15 dias segui sentindo dores, com dificuldade de cuidar de minha filha e de mim própria. Tempos depois me disseram que cinta apertada ajudaria neste processo. Por várias semanas vez por outra as dores voltavam.

Uma coisa ficou clara em minha cabeça, mesmo o primeiro tendo sido tão difícil, o segundo nascimento foi mais doloroso para mim. E suas conseqüências, trago até hoje. Uma dor “inexplicável” de vez em quando aparece do lado onde terminou a sutura. Prefiro muito mais o nascimento natural.

Para Andréa, conhecer Rosário foi algo que fez toda diferença em sua vida, compreendeu que podemos ter nascimentos sem dor, sem tantos traumas e de uma forma natural e prazerosa. Assim, há três anos, em uma respiração de renascimento decidi que teria seus filhos em partos naturais na água. Esta experiência para mim hoje como avó, é inigualável. Estive no nascimento de minha neta Ravena, dentro da piscina (emprestada Pela empresa NOVAFIBRA) que se fizeram parceiros nesta bela e necessária proposta, dentro da piscina, amparando minha filha em meus braços, pude perceber como teria sido diferente comigo se tivesse contado com pessoas do meu conhecimento e amorosas ao meu lado como foi o caso de Andréa, que contou com 12 pessoas de nosso círculo amoroso e familiar. Alfredo pai de Ravena, Maria Del Carmem e Rosário Muller que vieram de Bolívia para preparar Andréa nas respirações, o amoroso obstetra Dr. Luiz Carlos Pinheiro, pediatra e terapeuta de floral Paulo Roberto Campos, a enfermeira Vânia; psicólogas e terapeutas aqui do Renascer estiveram presentes, mostrando assim, que NASCER é muito LINDO!

Andréa sempre disse que gostaria de ter quatro filhos, no entanto, como mães sabem que depois do primeiro muitas vezes mudamos de idéia. Andréa não. A primeira frase que ela disse após a saída de Ravena, ainda dentro d'água foi: QUERO TER MAIS FILHOS!

Marta Franco

Mestra em Reiki, Terapeuta de Renascimento, Respiração, Regressão e Constelação Familiar.

Coordenadora do Espaço Terapêutico Renascer Saúde. // 3274-1308

martalfranco@yahoo.com.br